

Macabéa

Revista Eletrônica do Netli, Volume 8, Número 2, Jul.-Dez., 2019

BREVE PANORAMA SOBRE OS ESTUDOS DO PORTUGUÊS ARCAICO NO BRASIL



BRIEF OVERVIEW OF THE STUDIES OF ARCHAIC PORTUGUESE IN BRAZIL

MAILSON LOPES
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 14/04/2019 • APROVADO EM 19/05/2019

Abstract

In this article, we intend to discuss, in a brief and unpretentious way, the historical development of studies on archaic Portuguese in Brazil, from its precursors to its present unfoldings. Therefore, it is a summary from a first and rapid review of what has been developed, what is being developed and what needs to be done (or it provides support to future projections) in the research concerning this epistemological object.

Neste artigo, pretendemos discorrer, de modo decididamente breve e despretensioso, sobre o desenvolvimento histórico dos estudos sobre o português arcaico no Brasil, desde os seus precursores até os seus desdobramentos atuais, sobretudo (mas não exclusivamente) no âmbito do Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR). Trata-se, portanto, de uma súpula advinda de uma primeira e rápida revisitação ao que foi desenvolvido, ao que está em desenvolvimento e ao que precisa ser feito (ou que se encontra arrimado para projeções futuras) no domínio da investigação concernente a esse objeto epistemológico.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Archaic Portuguese. Historical Linguistics. Linguistic Historiography.

PALAVRAS CHAVE: Português Arcaico. Linguística Histórica. Historiografia linguística.

Texto integral

EXÓRDIO

Replantearse una y otra vez los orígenes de nuestra lengua supone asomarse a los arcanos de nuestras raíces con la inseguridad de lo incógnito. (HERNÁNDEZ ALONSO, 2003, p. 139)¹

Escrever cientificamente sobre o passado da língua é um labor sempre desafiante, por inúmeras razões, sendo a principal delas a própria natureza do objeto focado. Daí a justificada incrustação do excerto de Hernández Alonso (2013) como mote epigráfico deste artigo, pois é a nau da *inseguridad de lo incógnito*, mergulhada nas densas e sedutoras brumas da história, que nos leva a esta navegação pelo mar bravio do tempo, almejando chegar — qual tripulação ansiosa — ao porto dos primórdios da língua, para ali desembarcarmos, desbravarmos um mundo fascinante e pouco conhecido, contemplarmos os seus traços e cores exóticos, sopesarmos as suas marcas diferenciais e as suas equivalências, para depois retornarmos ao ponto de partida, o presente, o português brasileiro do século XXI.

Proposta ousada, e a respeito disso não há dúvida. Acontece que, se fosse apenas isso, tratar-se-ia de mais um caso de mero arroubo, movido por alguma dose de irreflexão e talvez presunção. Mas não o é. Explicamos: somos levados a pensar que, se ainda estivesse entre nós a inolvidável Profa. Rosa Virgínia Mattos e Silva (mestra caríssima, a cuja memória dedicamos este artigo), ser-lhe-ia dada a missão (ou ao menos o convite) para ser a autora do fascículo sobre o português

arcaico nessa prestigiosa coletânea sobre os estudos históricos do português. Com a sua sentida ausência (*requiescat in pace*), recaiu sobre nós, que ocupamos as fileiras dos discípulos menores de tão exímia mestra, a tarefa de bosquejar uns comentários sobre o tema mencionado, o que fazemos com serenidade e satisfação, mas com a consciência de que é um empreendimento mais que ousado, mais que consequência de um arroubo, pois temerário. Uma verdadeira aventura; numa palavra: um desafio.

Creemos que este escrito se caracteriza como um breve ensaio de historiografia linguística (cf. ALTMAN, 2012; 1988; SWIGGERS, 2004; GODOY, 2009; NASCIMENTO, 2011), entendida como subárea científica cujo objeto específico de reflexão reside na história dos processos e agentes de produção, circulação e recepção das ideias linguísticas e das práticas delas decorrentes (ALTMAN, 2012; 1998; SWIGGERS, 2004). Apresentará, assim, um cariz notavelmente descritivo e resenhístico, sem pretender de modo algum ser exaustivo (e nem o poderia ser). Em termos gerais, está fundamentado em reflexões advindas da consideração de vários estudos desenvolvidos, ontem e hoje, em nosso país², a respeito do período arcaico da língua portuguesa³; especificamente, contudo, centrar-se-á nas contribuições baianas a essa área, nomeadamente as circunscritas ao *Programa para a História da Língua Portuguesa* (PROHPOR)⁴.

De uma explicitação do que é entendido por *português arcaico* na literatura específica, perpassando pelos precursores dos estudos realizados no Brasil sobre o vernáculo desse corte temporal, chegando ao labor da Profa. Rosa Virgínia Mattos e Silva para a consolidação duma agenda de pesquisa voltada a esse objeto teórico, buscaremos traçar *en passant* o que foi feito, o que tem sido feito e o que resta fazer a respeito desse objeto teórico, não deixando de lado os desafios e os problemas em aberto que ainda perduram na descrição e análise do português arcaico no cenário brasileiro.

MAS O QUE É O PORTUGUÊS ARCAICO?

Com Mattos e Silva (2008a; 2006; 1991), entendemos por português arcaico a primeira etapa constitutiva de nossa língua, como romance, resultante de sua paulatina (e nunca absoluta) diferenciação do latim. Na fala, já se mostraria como tal desde o séc. IX (TEYSSIER, 1982; MACÊDO, 1996; NUNES, 1975), enquanto na escrita se deixa perceber a partir de textos remanescentes materializados nessa modalidade da língua desde a última quadra do séc. XII (MATEUS, 2012; MATTOS E SILVA, 2008a; 2008c). Seu ocaso, com a chegada de uma nova etapa do fluxo histórico da língua, fincar-se-ia no séc. XVI, pelos anos de 1536/1540 (MATTOS E SILVA, 2006; 2002).

Enquanto o início do período arcaico se distinguiria por fatores de ordem externa (aparecimento dos primeiros textos), o seu ocaso estabelecer-se-ia a partir de fatores externos e internos (MATTOS E SILVA, 2008a). Esses marcos são os comumente admitidos por Mattos e Silva e pelos pesquisadores do programa por

ela fundado, o PROHPOR. Cabe dizer que aqui já apareceram dois pontos geradores de discussões polêmicas tocantes ao objeto analisado, referentes aos seus limites inicial e final e também ao próprio termo, *português arcaico*. Começemos pela primeira questão.

O único consenso que parece haver entre os estudiosos do português arcaico quanto à definição de sua exata duração é o do caráter provisional do marco inaugurador dessa sincronia, visto que é condicionado ao aparecimento dos primeiros testemunhos escritos nesse código, algo que se manterá sempre (ou ao menos ainda durante muito tempo) em aberto, pois não é de modo algum improvável que em qualquer dia desses algum filólogo ou linguista revele ao mundo a descoberta de um documento autêntico temporalmente mais recuado que os atualmente aceitos como marcos materiais do início do período arcaico, que são, para uns (MARTINS, 2007; 2001), a *Notícia de Fiadores* (1175) e, para outros (EMILIANO, 2003), as duas versões do *Testamento de Afonso II* (1214) e a *Notícia de Torto* (1214-1216).

É nessa divergência quanto aos alvares do português arcaico remontarem ao século XII ou ao XIII, ou seja, da aceitação ou recusa dos textos editados por Martins (1999) como primeiros testemunhos dessa fase da língua, que radica o primeiro ponto polêmico. *Grosso modo*, os que afirmam que o seja, baseiam-se nos traços inovadores do texto, enquanto os que recusam tal hipótese se fundamentam no seu caráter latinizante (cf. MONTEAGUDO, 2008). A questão está longe de ser resolvida, não somente por causa desse posicionamento díspar, mas, principalmente, pela razão que já apontamos, o caráter evidentemente aberto e interino do marco inicial do português arcaico.

No que tange ao marco final, embora não tão polêmico quanto o inicial da sincronia mediéfica da língua, tampouco há consenso entre os estudiosos. Isso porque, diferentemente dos que o situam na primeira metade do séc. XVI (como Mattos e Silva e seus discípulos; cf. também o que diz CARVALHO, 1996), há outros que o recuam para o séc. XV (MONTEAGUDO, 2012) e também os que postulam a existência de uma sincronia específica entre o período arcaico e o período moderno, o *português médio*, que recobriria o intervalo entre a segunda metade do século XIV e a primeira metade do século subsequente (cf. CARDEIRA, 2005; CASTRO, 2011; BROCARD, 2014).

Dentro da sincronia arcaica, comumente se admite a existência de duas fases (ou sincronias), possuidoras de características em comum, mas diferenciáveis por alguns fenômenos que começam a despontar, desaparecer ou firmar-se na segunda (cf. MATTOS E SILVA, 1994; 2008a). A primeira sincronia corresponderia ao lapso temporal que compreende das primeiras produções até meados do séc. XIV — assinalada também por um fator externo, a Batalha de Aljubarrota, em 1385 (VASCONCELOS, 1959) —; a segunda, dessa última data até meados do séc. XVI (MATTOS E SILVA, 2008a). Os indicadores adotados por Mattos e Silva (1994; 2008a) como critérios balizadores da passagem de uma fase arcaica a outra são todos de natureza fônica, morfossintática ou sintática. Não obstante isso, alerta o seu leitor sobre a necessidade de serem agregados a esse rol fatores de outra ordem, como os morfológicos⁵.

O segundo tópico implexo que aparece reiteradamente em cena é a atribuição do nome para a língua do noroeste e da faixa extremo-ocidental da Península Ibérica no corte temporal correspondente aos séculos XII/XIII a XVI. O termo *português arcaico* é, sem dúvida, problemático, embora seja o mais corrente no Brasil⁶ para se referir a tal realidade idiomática, o que provavelmente se deve (se não totalmente, ao menos em grande parte) à influência de vários estudiosos de Portugal (pretéritos ou contemporâneos) e à sua adoção por Mattos e Silva e por seus discípulos, ecoando por todo o Brasil.

Mas que problema haveria no emprego do termo *português arcaico*?

Data maxima venia à mestra R. V. Mattos e Silva, diríamos que é uma imprecisão terminológica — com certo grau de artificialidade (cf. BAGNO, 2011) — e, como tal, comporta e reflete implicações e imprecisões conceituais. A língua se origina na *Gallaecia*, anteriormente à constituição do que se virá a conhecer como Portugal, sendo que obras importantes consideradas escritas em português arcaico, como as *Cantigas de Santa Maria*, foram produzidas em território não-português.

Qual seria então a denominação mais adequada para a língua do período? *Galego-português*? *Galego-português arcaico*? *Galego arcaico* e *português arcaico*?

Lopes (2018), em sua tese de doutoramento, refletindo sobre essa questão complexa e sopesando as três possibilidades acima, acaba dando preferência ao termo *galego-português arcaico*⁷, para tentar se livrar das críticas que poderia receber tanto pela adoção do termo *português arcaico*, quanto pela adoção do termo *galego-português*⁸.

Essas implicações foram as que levaram Lopes (2018) a adotar o termo *galego-português arcaico*⁹, por parecer a solução menos problemática, apesar de ser consciente de que tal eleição igualmente poderia ser alvo de críticas. Para chegar a essa decisão, afirma haver ponderado suas vantagens e desvantagens. As primeiras seriam:

(i) a adoção do termo não leva a se desprezar o papel do galego (que ficaria fora, numa leitura imediata, se fosse adotado o termo *português arcaico*);

(ii) no termo se reflete dada continuidade e real diálogo entre uma e outra língua;

(iii) o termo se restringe claramente à referência a sincronias pretéritas, graças ao uso preciso e específico do termo *arcaico*, na literatura para a história do português, para se referir ao lapso temporal compreendido entre o surgimento dos primeiros textos nessa língua e o ocaso de sua fase mediévia, em fins do século XV ou inícios/meados do século XVI.

Já as desvantagens da adoção do termo *galego-português arcaico* seriam as seguintes:

- (i) uma possível redundância na aplicação do termo, pois para diversos autores (e.g., ENTWISTLE, 1988) o termo *galego-português* necessariamente se refere ao período arcaico, mas apenas à sua 1ª sincronia, até meados ou fins do séc. XIV;
- (ii) ou, ligado ao ponto acima, a arriscada e heterodoxa assunção de que a unidade permaneceria até o séc. XVI, quando geralmente se pensa que foi desfeita dois séculos antes.

Embora conscientes da imprecisão/inadequação do termo *português arcaico*, empregamo-lo nas seções seguintes deste ensaio (e nas anteriores) somente pela razão de ser ele o mais usual na linguística brasileira para referir-se ao corte temporal pretérito da língua do noroeste peninsular ibérico entre os séculos XII/XIII e XVI.

PRECURSORES DO ESTUDO DO PORTUGUÊS ARCAICO NO BRASIL

Comparada com o que se passou em Portugal, a emergência dos estudos sobre o português arcaico no Brasil foi um pouco mais tardia, aparecendo apenas nos últimos anos da primeira metade do século XX. Nos dilúculos dessa centúria, já contava a nação de Camões com estudiosos de renome interessados pela língua medieval, como Leite de Vasconcelos — com as suas pioneiras *Lições de philologia portuguesa: dadas na Biblioteca Nacional de Lisboa* (1911) — e Carolina Michaëlis de Vasconcelos — em suas famosas *Lições de filologia portuguesa, seguidas das lições práticas de português arcaico* (1911-1912) —, sem contar outros que traziam em suas obras alguns fatos esparsos ou genéricos sobre o romance medieval, como, e.g., José Joaquim Nunes — *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética-morfologia* (1919); *Crestomatia arcaica* (1921)¹⁰ — ou os que se destacaram na elaboração de edições e/ou glossários/vocabulários de textos portugueses arcaicos, como a própria Michaëlis de Vasconcelos — *Glossário do Cancioneiro da Ajuda* (1920) — e o próprio J. J. Nunes — *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses: Glossário* (1928) —, só para citar alguns.

No Brasil, se não considerarmos os estudos gerais de gramática histórica que pincelam algumas notas sobre a sincronia em questão — como a *Grammatica historica da lingua portugueza*, de Manuel Pacheco da Silva Jr. (1878); a *Gramática histórica*, de Eduardo Carlos Pereira (1916); *Lexeologia do portuguez historico* (1921) e *Grammatica histórica da língua portugueza* (1931)¹¹, ambas da pena de Said Ali; *Lições de português*, de Sousa da Silveira (1937); *Pontos de gramática histórica* (1938), de Ismael de Lima Coutinho —, aguardaremos até os últimos anos

da primeira metade do séc. XX e, principalmente, a segunda metade desse século para vermos surgir edições e glossários/vocabulários de textos portugueses arcaicos, como a edição das cantigas de Paay Gomes Charinho, intitulada *O Cancioneiro de Paay Gomes Charinho, trovador do século XIII*, por Celso Ferreira da Cunha (1945)¹²; *O cancionero de Joan Zorro* e *O cancionero de Martin Codax*, edição e glossário, ambos igualmente realizados por Celso Cunha (1949 e 1956, respectivamente); a edição, acompanhada de notas e glossário, do *Boosco deleitoso*, realizada pelo Pe. Augusto Magne (1950); a edição, glossário e notas do *Virgeu de Consolaçon*, por Albino de Bem Veiga (1959); a edição e índice de vocábulos de *Um tratado de cozinha portuguesa do século XV*, por Antônio Gomes Filho (1963); a edição e glossário do *Livro das Aves*, por Nelson Rossi et al. (1965); dentre alguns outros mais.

Todos os filólogos e gramáticos citados no parágrafo anterior poderiam ser distinguidos (uns em maior grau que outros) como precursores dos estudos sobre o português arcaico no Brasil, mas, ao que parece, é sobre Serafim da Silva Neto (1917-1960) que recai, com maior justiça, o título de grande precursor da investigação nessa área, pelas ricas contribuições filológicas que em sua breve carreira ofereceu à posteridade, mas, principalmente, pela sua obra *História da língua portuguesa* (1950)¹³, na qual, segundo Mattoso Câmara Jr. (1969, p. 38):

A grande atenção do autor foi para a língua arcaica e, especialmente, para os primórdios do crepuscular proto-português e do romance lusitânico. Nesses dois temas conseguiu compilar metodicamente e interpretar com lucidez os dados fragmentários e esparsos, que a sua magnífica erudição filológica conseguiu reunir.

Confirmação mais garantida e fiável da importância de Serafim da Silva Neto como desbravador do português arcaico no âmbito acadêmico brasileiro não poderia haver, considerando-se de quem proveio, o grande Mattoso Câmara Jr., introdutor da ciência linguística no país. Palavras igualmente elogiosas a seu respeito são tecidas por Mattos e Silva (1988, p. 98; 1998a, p. 16, respectivamente), afirmando que “É ele que encarna a Lingüística Histórica de seu tempo, tanto no seu entendimento estrito como amplo.” e que nele se “[...] corporificou o ‘filólogo protótipo’ da primeira metade do século XX no Brasil: romanista, filólogo *stricto sensu*, com suas edições de textos medievais portugueses, historiador da língua, dialetólogo...”.

Serafim da Silva Neto, primeiro detentor dos manuscritos autênticos mais antigos custodiados em solo brasileiro (o *Flos Sanctorum*, o *Livro das Aves* e o *Diálogos de São Gregório*, tríade datada do século XIV e hoje pertencente ao Setor de Obras Raras da Biblioteca da Universidade de Brasília), editor e comentador de inúmeros textos medievais portugueses (cf. sua importantíssima obra de 1956, intitulada *Textos medievais portugueses e seus problemas*), primeiro desbravador metódico, em nosso país, do vernáculo medieval, é quem merece sustentar, em

nossa humilde opinião, o título de primeiro patrono-precursor dos estudiosos do português arcaico no Brasil.

Nenhum dos acima citados, nem mesmo Serafim da Silva Neto, realizou, contudo, estudos simultaneamente aprofundados e sistemáticos sobre a língua portuguesa em seu período arcaico, o que só viria a ocorrer décadas depois, pelos idos de 1970, pela figura ímpar de uma jovem investigadora baiana, Rosa Virgínia Barreto de Oliveira Mattos e Silva, cuja obra, com viva satisfação, comentaremos na próxima divisão deste artigo.

O PAPEL FUNDAMENTAL DE ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA NO DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS SOBRE O PORTUGUÊS ARCAICO NO BRASIL

Se buscarmos um pesquisador que possa ser metonimicamente tomado como representação dos estudos do português arcaico no Brasil, este seria, inquestionavelmente, a Profa. Rosa Virgínia Mattos e Silva (1940-2012). Durante uma carreira de mais de 40 anos, lançou-se, sem pausa, a uma perscrutação da língua portuguesa dos séculos XIII a XVI, projetando-se como a linguista brasileira de referência nessa esfera, a estudiosa por antonomásia da sincronia arcaica do português e da constituição histórica do vernáculo. Pesquisadora I-A do CNPq, orientadora de dezenas de teses de doutorado, dissertações de mestrado e projetos de iniciação científica, foi e continua sendo referência privilegiada e leitura obrigatória para os que se debruçam sobre a linguística histórica e sobre o fluxo temporal constitutivo da língua portuguesa (MACHADO FILHO, 2013).

Sua vida e sua obra são provas corroborantes de seu papel vanguardista e preeminente, no que diz respeito aos estudos do português medieval, mas igualmente no complexo processo de reerguimento e renovação da linguística histórica no Brasil, que estava por fenecer até os anos 60/70 do século passado (inclusive)¹⁴. De tal forma assim o é, que a sobredita linguista é considerada como o principal ou um dos principais agentes envolvidos no processo de ressurgimento da fênix — a linguística histórica — no domínio da língua portuguesa (cf. CASTILHO, 2012; FARACO, 2018; 2009). Daí se entenda que Castilho (2012), em sua intervenção no *Rosae — I Congresso Internacional de Linguística Histórica* (realizado em Salvador, no ano de 2009, em homenagem a Mattos e Silva), afirme que celebrar tal linguista baiana é, em outras palavras, celebrar a linguística histórica no Brasil.

A própria Mattos e Silva (1988) admite que está nas origens de sua vida acadêmica a paixão constante pelos estudos da língua em perspectiva histórica, tendo desenvolvido desde investigações sincrônicas sobre o português trecentista até trabalhos referentes a mudanças diacrônicas no período arcaico dessa língua, sem contar as edições (individuais ou em coautoria) que fez de textos em prosa dessa faixa temporal¹⁵, como os *Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório* (MATTOS E SILVA, 1971) e o *Livro das Aves* (ROSSI et al., 1965), ambos do séc. XIV¹⁶.

Do amplo universo de livros, artigos e outras publicações redigidas pela linguista aludida, não é fácil apontar qual seria a sua obra magna. Para Machado Filho (2013), um dos grandes discípulos e colegas de Mattos e Silva, considerado por ela mesma o seu herdeiro intelectual¹⁷, talvez seria o *Estruturas Trecentistas* (1989). *Data venia* a esse egrégio lexicólogo, ousaríamos pender, numa primeira vista, à consideração do livro *Português arcaico: uma aproximação* (2008a; 2008b), como a obra maior do engenho de Mattos e Silva. No entanto, após alguma reflexão, ponderamos que mais prudente e coerente seria admitir que há uma tríade harmônica de estudos nos quais se concentra a seiva mais refinada do labor da dita linguista, cada um com um caráter específico, que são elencados abaixo conforme a ordem cronológica de seu aparecimento:

- (i) *A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório* (1971), sua tese de doutoramento inédita, na qual demonstra o seu saber filológico, fazendo emergir uma edição desse texto de Trezentos, acompanhada de um aprofundado estudo linguístico e de um glossário exaustivo;
- (ii) *Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico* (1989)¹⁸ — no qual a dita autora aplica o método analítico estruturalista a dados do português do séc. XIV, destrinchando a partir deles a arquitetura grafemático-sonora, morfossintática e sintática da língua vernácula nessa sincronia;
- (iii) *O português arcaico: uma aproximação* (2008a; 2008b), uma verdadeira (e até então não superada) enciclopédia e fabuloso guia para o entendimento geral da língua portuguesa dos séculos XII/XIII a XVI, recobrando seus níveis lexical, morfológico, sintático, fonético-fonológico e (orto)gráfico.

De escrita prolífica, Mattos e Silva desenvolveu, como já dissemos, um número surpreendente de estudos, muitos dos quais vieram à luz sob a forma de artigos em revistas científicas, livros ou capítulos de livros¹⁹. Cientes da dispersão dessas publicações e da inacessibilidade de algumas delas, e tendo sido convidados pela Profa. Tânia Lobo (então vice-coordenadora do PROHPOR), passamos a nos dedicar à compilação da *Opera Omnia* de Rosa Virgínia Mattos e Silva, com a sua disponibilização em meio digital, albergada na página <<https://www.prohpor.org/operaomnia>>. O supramencionado projeto²⁰, por nós coordenado desde então²¹, conta também com a colaboração de uma estudante de iniciação científica (Ana Lucia Lucena de Pedral), que se dedica à digitalização, edição fac-similar e estudo historiográfico-filológico de textos publicados e inéditos (manuscritos ou datiloscritos) da insigne mestra baiana, sob a nossa orientação²².

Se sua obra particular já se nos mostra como um caudal formidável para o avançamento dos estudos linguísticos históricos no Brasil, mais ainda nos surpreendem os seus empreendimentos acadêmicos coletivos, dentre os quais se destaca a fundação, nos albores da década de 1990, do PROHPOR²³, uma iniciativa

sem par no âmbito brasileiro até hoje, voltada à descrição, análise e sistematização da constituição histórica do vernáculo, desde os seus primórdios, no período arcaico, até inflectir pelo período moderno-contemporâneo, em sua realidade além e aquém-mar.

Esse amplo programa de pesquisa foi inicialmente estruturado, conforme o que relata a própria fundadora (1996a), sob um esquema tetrafatorial de campos de trabalho, de alguma maneira interligados, a saber: (i) estudo de mudanças sintáticas e morfossintáticas do português, desde o seu período arcaico até a sua manifestação contemporânea no Brasil; (ii) estudo das fontes sócio-históricas do português brasileiro; (iii) construção de um banco de dados informatizados para investigações sobre a constituição histórica da língua; (iv) formação continuada de seus membros pesquisadores quanto às teorias e métodos da linguística histórica.

Do PROHPOR (<https://www.prohpor.org/>), em pleno funcionamento até hoje, basta que se diga que é o mais antigo, o mais emblemático e “[...] um dos núcleos mais consistentes e produtivos dos estudos linguísticos históricos no nosso país.” (FARACO, 2009, p. 106), sendo, sem sombra de dúvidas, o mais importante centro brasileiro de investigação sobre o período arcaico da língua. Em seu ápice, estando sob a coordenação de Profa. Rosa Virgínia Mattos e Silva, congregava subnúcleos com pastas específicas de investigação, mas todos com a sustentação de um olhar convergente, dirigido à patente historicidade do fenômeno linguístico. Eram eles (à época do passamento da Profa. R. V. Mattos e Silva, em 2012) os subgrupos voltados às seguintes pautas: (i) edição de textos do português arcaico (Projeto BIT-PROHPOR); (ii) Dicionário etimológico do português arcaico (Projeto DEPARC); (iii) funcionalismo e gramaticalização na história do português (Projeto GRAM); (iv) antroponímia histórica do português (Projeto *Todos os nomes*); (v) história da leitura e da escrita no Brasil (Projeto HISCULTE)²⁴. Em 2013, um ano após o falecimento da Profa. R. V. Mattos e Silva, efetivou-se uma reestruturação do PROHPOR²⁵, com a sua reorganização em 5 (cinco) subprogramas: (i) História da cultura escrita no Brasil; (ii) Funcionalismo e gramaticalização; (iii) Morfologia e lexicologia históricas²⁶; (iv) Semântica histórica e (v) Sintaxe histórica²⁷.

Como idealizadora, fundadora e coordenadora do PROHPOR, Mattos e Silva demonstrou sempre seu carisma integrador, reunindo a seu redor um grupo intelectual de escol que promoveu o reestabelecimento dos estudos históricos sobre a língua no seio da realidade acadêmica baiana e nacional. Ademais, durante quase quatro décadas, atuou ininterruptamente no ensino universitário (na graduação e na pós-graduação), formando várias gerações de docentes e pesquisadores e estruturando, em boa medida, a rede de acadêmicos que fizeram e fazem da Universidade Federal da Bahia e das universidades estaduais baianas redutos intelectuais onde ainda são investigados criteriosamente e proficuamente aspectos da linguística histórica ou da história da língua.

Pensamos, assim, que são de um justo e escorreito emprego os nobres qualificativos aplicados a Mattos e Silva por seus pares, como o de *cientista que nos ensinou a fazer Linguística Histórica* (CASTILHO, 2012), *arqueóloga da língua* (BARONAS, 2015), *pesquisadora exemplar e mestra de muitos* (FARACO, 2016), bem como a concessão dos títulos que recebeu em vida ou *post-mortem* (dentre os quais se destaca o de *Pioneira da Ciência no Brasil*²⁸), constituidores de uma mostra

cabal do reconhecimento dado ao extraordinário papel da referida mestra no desenvolvimento dos estudos de linguística histórica em geral e sobre o português arcaico em particular.

O QUE JÁ FOI FEITO E O ESTADO ATUAL DA INVESTIGAÇÃO SOBRE O PORTUGUÊS ARCAICO

Um brevíssimo apanhado dos primeiros estudos referentes ao português arcaico realizados em nosso país foi projetado em seções anteriores deste artigo, que trazem a contribuição dos precursores e o legado intelectual de Mattos e Silva, maior expoente da área no Brasil e um dos seus mais destacados investigadores no domínio da lusofonia.

Com os frutos da trajetória acadêmica de Mattos e Silva e as produções intelectuais geradas pelos pesquisadores (plenos ou em formação) do PROHPOR, podemos dizer que se materializou parte considerável do conjunto de estudos (publicados ou ainda inéditos) voltados à língua dos séculos XIII a XVI, o que pode ser constatado nos inúmeros textos da supracitada linguista em que arrola as principais contribuições de seus colegas e discípulos para a descrição e análise da língua dessa sincronia (cf. MATTOS E SILVA, 2012; 2008a; 2008b; 2005; 2003; 1998a; 1996a).

Não iremos listar neste ensaio todas as publicações de Mattos e Silva sobre o português arcaico, pois isso faria com este texto se estendesse demasiada e inconvenientemente, e, sobretudo, porque tal listagem pode ser conferida na página do projeto *Opera Omnia de Rosa Virgínia Mattos e Silva*, já citada. Tampouco enumeraremos todas as produções de pesquisadores do PROHPOR acerca do tema, visto que igualmente podem ser conferidas no sítio desse programa e várias delas aparecem citadas ou brevemente descritas em textos de Mattos e Silva, quem, inclusive, em sua obra *O Português arcaico: uma aproximação* (2008a; 2008b), faz um apanhado de numerosos autores, conhecidos ou não, que realizaram edições de textos medievais portugueses ou estudaram a língua arcaica em algum de seus vários níveis, desde a fonética e fonologia até a sintaxe e o discurso, passando pela (orto)grafia, pontuação, formação de palavras e prosódia. Fazemos remissão, portanto, a esse estudo, em vez de repetirmos o que nele figura de forma tão bem disposta e comentada quanto às contribuições para o conhecimento e sistematização do português mediéxico.

Feitas essas necessárias esclarecimentos, indicamos o que teceremos nesta seção: a menção (nem exaustiva nem inteiramente sistemática) a estudos realizados ou em realização, sobretudo no âmbito do PROHPOR, que se destacaram ou têm se destacado por seu caráter desbravador ou inaugural (por focarem temas até então pouco ou nada abordados na realidade brasileira ou lusófona), buscando, assim, expor um retrato panorâmico e realista do estado atual da investigação sobre o português arcaico.

Para iniciarmos, não poderíamos deixar de aludir às formidáveis coletâneas publicadas pelo PROHPOR ligadas ao estudo da língua arcaica (em sua primeira ou

segunda fases), resultantes de projetos coletivos do grupo. São elas: *A carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500* (MATTOS E SILVA, 1996b), *O português quinhentista: estudos linguísticos* (MATTOS E SILVA & MACHADO FILHO, 2002), *Do português arcaico ao português brasileiro* (COSTA & MACHADO FILHO, 2004), *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias* (OLIVEIRA, CUNHA E SOUZA & SOLEDADE, 2009), *Novos tons de Rosa... para Rosa Virgínia Mattos e Silva* (OLIVEIRA, CUNHA E SOUZA & GOMES, 2009), *Várias navegações: português arcaico, português brasileiro, cultura escrita no Brasil, outros estudos* (MATTOS E SILVA, OLIVEIRA & AMARANTE, 2012). Todos esses estudos são referência obrigatória para aqueles que desejam conhecer mais profundamente a língua arcaica. Cabe dizer também que o grupo gerou outras produções coletivas (e há outras em curso), mas voltadas a outras faixas temporais da constituição histórica do português.

Além das produções coletivas, vários artigos condensadores de incursões científicas ao período arcaico da língua, de autoria de pesquisadores do PROHPOR (e também de outros centros acadêmicos de Portugal e da Galícia) aparecem nas atas publicadas de dois dos quatro congressos internacionais de linguística histórica: no livro *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* (LOBO et al., 2012b), resultante do I Congresso Internacional de Linguística Histórica (Salvador/Bahia, 2009); e no livro *Gallaecia: estudos de linguística portuguesa e galega* (NEGRO, ÁLVAREZ & MOSCOSO, 2017), fruto do III Congresso Internacional de Linguística Histórica (Santiago de Compostela, 2015). A segunda edição desse congresso (São Paulo, 2012) não contou com a publicação de anais de artigos, mas apenas de resumos expandidos. A mais recente edição do evento, a quarta (Lisboa, 2017), não conta ainda com os seus anais publicados, que se encontram em processo de organização²⁹.

Fora as produções coletivas do grupo, em suas coletâneas ou nos anais dos congressos internacionais de linguística histórica, um dos primeiros conjuntos de estudos no PROHPOR que se destacou por seu vanguardismo foi o voltado à gramaticalização, com as primeiras teses defendidas no país relacionadas a esse tema (cf. MATTOS E SILVA, 2003): a de Barreto (1999) — *Gramaticalização das conjunções na história do português* — e a de Poggio (1999) — *Relações expressas por preposições no período arcaico do português em confronto com o latim* —, ambas se debruçando sobre o português arcaico. A essas se somaram as teses (também incidentes sobre o período arcaico) de Macêdo (2001) — *Gramaticalização de locuções prepositivas no português arcaico e no galego* —, Costa (2003) — *Adverbiais espaciais e temporais do português: indícios diacrônicos de gramaticalização* — e Campos (2004a) — *A negação prefixal na história da língua portuguesa* —. Da influência desses estudos monográficos derivaram várias outras publicações (e.g., BARRETO, 2001; POGGIO, 2002; CAMPOS, 2004b; SANTOS OLIVEIRA, 2014), constituindo um denso núcleo bibliográfico de incontestável importância para a compreensão do alcance e funcionamento dos processos de gramaticalização na história do português, com ênfase em seu período arcaico.

Outro tema muito pouco explorado pelos linguistas históricos, mas que foi desbravado na circunscrição do PROHPOR foi o da pontuação em textos arcaicos portugueses. Lançou-se a essa tarefa Machado Filho, com estudo de mestrado

intitulado *A pontuação em manuscritos medievais portugueses*, defendido em 2001, e logo publicado como livro de título homônimo (2004a). A essa dissertação, estudo pioneiro, seguiram-se outros sobre o tema da pontuação na história do português (subsidiados por textos do crepúsculo da segunda fase do período arcaico), da pena do próprio Machado Filho (2002) — *A pontuação em João de Barros: preceitos e usos* —, de Santos (2002) — *A pontuação na Carta de Pero Vaz de Caminha comparada à proposta de João de Barros* — ou de Nascimento (2009) — *Edição e estudo da pontuação em uma obra de Garcia de Resende* —.

Já que listamos alguns trabalhos da pena do Prof. Américo Machado Filho, aqui devemos apontar que esse estudioso, tanto como membro do PROHPOR no passado, quanto na condição de fundador e coordenador do grupo Nêmesis (criado em 2013), foi e é na Bahia um dos autores mais prolíferos na publicação de estudos sobre o português arcaico, seja com a edição de textos hagiográficos dessa sincronia (MACHADO FILHO, 2009; 2008), seja com vocabulários ou glossários (MACHADO FILHO, 2014; 2013a), seja com artigos ou capítulos de livros em que descreve e analisa fenômenos do léxico medieval (MACHADO FILHO, 2019; 2013b; 2004b; 2003). O grupo coordenado por esse lexicógrafo hospeda e dá continuidade ao projeto *Dicionário Etimológico do Português Arcaico* (originalmente desenvolvido no PROHPOR), com alguns de seus discípulos oferecendo contributos significativos à agenda dos estudos históricos sobre a língua, com a realização de edições de textos do período arcaico, geralmente acompanhados ou sucedidos por glossários e/ou estudos linguísticos, como os levados a cabo por Sampaio (2013; 2017; 2018).

Enquanto o Nêmesis tem se destacado pelos estudos históricos sobre o léxico geral, o PROHPOR têm fornecido alguns significativos e inovadores subsídios à compreensão do léxico onomástico no período vernacular arcaico, representados pelos estudos de Soledade (2012b) — *Antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação em nomes personativos* — e de Sacerdote (2012 e, principalmente, 2013) — respectivamente, *Antroponímia portuguesa: um breve estudo acerca dos sobrenomes no período medieval*; *Antroponímia do português arcaico: um estudo de sobrenomes e sócio-história* (dissertação de mestrado) —. Esse último título encabeça aquela que parece ter sido a primeira monografia de pós-graduação *stricto sensu* defendida no Brasil que se debruçou especificamente sobre a antroponímia do período arcaico português.

A sintaxe histórica da língua portuguesa parece ser um campo que não foi suficientemente explorado, tendo sido estudado de modo pouco sistemático (MATTOS E SILVA, 1998a), nomeadamente em relação ao período arcaico. Talvez esse quadro tenha passado por mudanças positivas desde as duas últimas décadas, estando agora em um fluxo de maior desenvolvimento. Os estudos da Profa. Ilza Ribeiro, elaborados durante boa parte de sua frutífera trajetória acadêmica, certamente constituem um lastro de grande valia para esse movimento, pois se mostram como subsídios de fulcral importância para o conhecimento da sintaxe do período arcaico do português. Sem sombra de dúvida, foi Ribeiro uma das grandes sintaticistas históricas brasileiras (ao lado de Charlotte Galves e Mary Kato) e, muito provavelmente, a maior conhecedora contemporânea da sintaxe do português arcaico (talvez só ladeada por R. V. Mattos e Silva). Os mais importantes

estudos sintáticos históricos da pena de Ribeiro (vários destes sobre a sintaxe arcaica) encontram-se coligidos no livro *Ensaio em sintaxe histórica do português* (2015), mas há vários outros esparsos, geralmente escritos na condição de coautoria (e.g., RIBEIRO & MORAIS, 2012; RIBEIRO & KATO, 2009). Achegas à compreensão científica da sintaxe histórica portuguesa (e de outras línguas românicas, maiormente o castelhano) são também encontradas em publicações de Pinto (e.g., o de 2014, em coautoria com A. Antonelli), discípulo de Ribeiro e igualmente membro do PROHPOR.

A semântica léxica e a semântica histórica do período arcaico, domínios também apenas timidamente explorados nos estudos da área, devem a alguns pesquisadores do PROHPOR contributos substanciais, introduzidos pelas teses de Almeida (2007) — *Contribuição para o estudo do campo semântico ‘trabalhador’ no português arcaico* — e de Santos (2011) — *A polissemia do verbo tomar ao longo da história da língua portuguesa* —. Essas duas pesquisadoras, após a escrita de suas respectivas teses, deram continuidade a análises de aspectos semânticos do português arcaico, sob perspectivas teóricas estruturalistas ou (em maior parte) cognitivistas, materializadas em diversas publicações (ALMEIDA, 2010; 2016; 2018; SANTOS, 2015; 2018). Sua principal contribuição, no entanto, foi a criação, em 2013, do subprograma *Semântica histórica*, pertencente ao PROHPOR, atuando em confluência com o *Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva* (GESCOG) e coordenado desde então pela Profa. Ariadne Almeida. Dessa simbiose entre o subprograma e o GESCOG, têm se desenvolvido algumas investigações ou projetos cujo cerne consiste na análise de dados históricos da língua (alguns deles circunscritos ao período arcaico) sob a ótica de teorias da semântica ou da linguística cognitivas. Podem ser ilustrativamente representados por uma coletânea de estudos semânticos — *O Livro do Livro das Aves* (ALMEIDA & LOPES, no prelo) — que teve como *corpus* empírico um volucrário medieval português do século XIV, o *Livro das Aves*, após uma leitura coletiva e comentada da edição desse manuscrito (ROSSI et al., 1965), realizada em 2015. Outra coletânea de cariz semântico-cognitivo-histórico surgirá (neste ou no próximo ano) a partir do mesmo procedimento de leitura coletiva crítica e comentada de outro texto arcaico pelos pesquisadores do GESCOG, provavelmente a *Lenda do Rei Rodrigo* (séc. XIV) ou o *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* (sécs. XIII/XIV).

Para finalizarmos esta seção, trazemos à baila as contribuições de pesquisadores do PROHPOR para os estudos de morfologia lexical do português arcaico. Com as dissertações de mestrado e/ou teses de doutoramento fundacionais de Soledade (2001; 2004), Santos (2009a) e Lopes (2013; 2018), respectivamente sobre a sufixação, a composição e a prefixação, finalmente foi possível responder e sanar de modo satisfatório a queixa inspiradora e realista de Mattos e Silva, quando, em livro seu de 1993, pontificava que um estudo sistemático dos processos derivacionais no período arcaico ainda esperava um autor³⁰.

As monografias acadêmicas desses três morfólogos baianos, principalmente as suas respectivas teses de doutorado, constituem verdadeiros estudos gerais sobre cada uma das macrofacetadas da lexicogênese de natureza morfológica atuantes no período arcaico da língua, dos séculos XII/XIII a XVI, não havendo

surgido nada semelhante até então no domínio dos estudos sobre a língua portuguesa na sincronia medieval. Isso porque desvelam, horizontalmente, a totalidade dos paradigmas sufixal, composicional e prefixal do vernáculo arcaico, não deixando, porém, de descrever e analisar verticalmente as formações e procedimentos derivativos/compositivos em sua especificidade, sob os pontos de vista formal (morfolexical), semântico e etimológico.

Podemos afirmar, com toda a justiça, que os estudos de linguística histórica concernentes à fase arcaica do português, após o passamento da Profa. R. V. Mattos e Silva e o processo de reestruturação interna do PROHPOR, tornaram-se minoritários (mas nunca totalmente ausentes) em todos os seus subprogramas, com uma única e louvável exceção: o subprograma de morfologia e lexicologia históricas, coordenado, desde a sua emergência (2013), pela Profa. Juliana Soledade. Frente à estagnação dos outros subprogramas quanto à pauta do período arcaico, o de morfologia histórica não apenas seguiu coerentemente o seu fluxo normal e esperado de continuação dos projetos, pesquisas e publicações de cunho morfolexical-histórico-diacrônico (SANTOS, 2009b; 2009c; 2013; 2014; 2016a; 2016b; 2017; 2018; SOLEDADE & ALMEIDA, 2009; SOLEDADE, 2012a; LOPES, 2013b; 2017; 2015; LOPES & SOLEDADE, 2013; SOLEDADE & SIMÕES NETO, 2013; SOLEDADE & COSTA, 2013), como também passou a neles incorporar contribuições das mais recentes teorias de análise semântico-morfolexical de vocábulos complexos, como a compressão léxica³¹ (LOPES, 2016b³²; 2018; SIMÕES NETO, 2016a; SOLEDADE, SIMÕES NETO & LOPES, 2017) e a morfologia construcional³³ (SOLEDADE, 2013³⁴; SOLEDADE & SIMÕES NETO, 2015; 2017; SIMÕES NETO, 2016a; 2016b; LOPES, 2016a; 2018; 2019), cujas primeiras aplicações a dados de fases recuadas da história da língua parecem ser as oriundas dos pesquisadores desse subprograma. Destaca-se também nesse subgrupo a retomada de vastos e pujantes trabalhos de natureza histórico-comparativa (cotejo histórico-diacrônico de esquemas e unidades morfolexicais atuantes em línguas românicas), vários deles com o ineditismo de sua associação a teorias cognitivistas (morfologia construcional, gramática das construções), como os desenvolvidos ou em desenvolvimento por Lopes (2014; 2016c; 2018; 2019 [no prelo]³⁵) e pelo prolífico Prof. Nival Simões Neto (em sua tese de doutorado em andamento).

CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU O MUITO QUE AINDA HÁ PARA SER FEITO QUANTO AO PORTUGUÊS ARCAICO)

Estão fora de discussão o valor e a magnitude do que já foi feito no âmbito acadêmico brasileiro quanto a edições filologicamente confiáveis de textos portugueses arcaicos, bem como à descrição e análise da língua nesse recorte temporal. Como pudemos observar panoramicamente em seções anteriores deste ensaio, são vários estudos, projetos (individuais ou coletivos) e grupos ou subgrupos de pesquisa voltados ao objeto teórico em tela, que fizeram com que, dentre os estágios pretéritos da língua portuguesa, o período arcaico tenha sido o mais estudado (MATTOS E SILVA, 2006).

No entanto, muito há ainda a se fazer, sobretudo no preenchimento de importantes lacunas que permanecem. As que delinearemos são (desde o nosso ponto de vista, que pode ser impreciso ou mesmo falho) as que consideramos demandantes de maior atenção, seja pela urgência em que precisam ser sanadas, seja pelo peso e robustez que sua perduração demonstra possuir. Esboçamo-las a partir de reflexões sobre as pendências gerais que pairam sobre o PROHPOR, o que, seguramente, pode ser aplicado (em maior ou menor grau e intensidade) a outros grupos de pesquisa debruçados sobre o português arcaico, seja no Brasil, seja noutras partes do mundo lusófono.

A primeira lacuna, que consideramos a mais substantiva, diz respeito à própria continuidade dos estudos sobre o português arcaico, que vêm fenecendo dia após dia, sendo escassos atualmente os que estão se desenvolvendo, mesmo nos grupos de pesquisa voltados à constituição histórica da língua em seus estágios pretéritos. Isso se deixa notar, por exemplo, no PROHPOR e no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA: se comparamos o período que precedeu o ano de 2012 (falecimento de R. V. Mattos e Silva) à faixa temporal que o sucedeu e vai até hoje, constataremos nitidamente uma diferença substancial no número das investigações voltadas ao português arcaico, que antes eram majoritárias e hoje são as mais raras.

Pensamos que a situação apontada acima se deva a diversos fatores, dentre os quais se destacam o passamento de Profa. R. V. Mattos e Silva e, principalmente, a debandada de pesquisadores originalmente voltados ao português arcaico a outros objetos de investigação, ainda que pertencentes à esfera da linguística histórica. É compreensível que se possa transitar por várias áreas e mudar os temas de pesquisa, mas, numa situação preocupante como a que se entrevê para o futuro dos estudos do português arcaico, é desejável (e até mesmo cogente) que os docentes pesquisadores empenhem esforço e energia na manutenção de suas linhas de investigação sobre o período arcaico ou na abertura de outras novas pautas ligadas a esse objeto, a fim de que, com isso, possam lograr recrutar estudantes de iniciação científica, mestrado e doutorado, para juntos, poderem dar novo fôlego e impulso à descrição e análise da língua arcaica, ainda insuficientemente explorada.

Poderá ser uma mera observação impressionística, mas, recapitulando o que temos visto e lido nesses últimos anos a respeito de pesquisas, publicações e estudos sobre o português arcaico, pensamos que esse conjunto tem passado por uma rarefação preocupante e cada vez mais letífera. O grande vulto de trabalhos sobre essa sincronia realizado principalmente nas décadas de 1990 e 2000, minguou-se de forma avassaladora, sendo hoje algo residual nos centros de estudos em que outrora pululavam, não ficando fora desse rol nem mesmo o PROHPOR, infelizmente. Talvez, no balouçar de fluxos e refluxos pelos quais a linguística histórica (e, por conseguinte, o estudo do português arcaico) tem se movimentado em nosso país, estejamos vivenciando agora uma etapa de abandono, negligência e perda (ao menos quantitativas) em relação aos estudos e à sistematização do vernáculo em suas sincronias arcaicas.

A segunda lacuna, também importante, diz respeito ao ensino (e prática) da leitura de textos arcaicos a interessados pela língua medieval, mormente os jovens

pesquisadores³⁶. Trata-se, de certo modo, de um processo de letramento/alfabetização, que capacita o aprendiz a ter a devida proficiência na leitura de textos portugueses medievais, a fim de que, munido de tal conhecimento, possa velejar com destreza no misterioso oceano que pretende cruzar, que é a língua de outrora. É um processo que ordinariamente se dá de orientador para orientando, mas como são cada vez mais escassos os projetos incidentes sobre a etapa arcaica do português, vai se rareando a galope o número de leitores capazes de se lançarem com segurança na exploração científica da língua desse período, algo indubitavelmente grave, cuja solução residiria, a nosso ver, no encontro de duas ações a serem postas em marcha concomitantemente: o recrutamento de novos estudantes (sobretudo de iniciação científica) para o estudo do português arcaico, *pari passu* a leitura com eles (feita de modo coletivo nos grupos de pesquisa ou em reuniões particulares entre orientador e orientando) de documentos medievais portugueses remanescentes³⁷.

Uma terceira lacuna, muito provavelmente ligada às duas primeiras, diz respeito ao descenso quantitativo do número de edições filológicas de textos medievais (inéditos ou não), claramente perceptível no PROHPOR, em que praticamente não mais se editam textos arcaicos. O labor filológico esteve presente no sobredito programa desde o seu início e não deve ser negligenciado — para honrar a tradição e promover a difusão das fontes seguras para o conhecimento do período arcaico, que são as edições filologicamente fiáveis —. Talvez seja uma característica também presente em outros grupos (ao que tudo indica, sim), mais em uns que em outros. A exceção parece ser a do já mencionado grupo Nêmesis, que mantém em funcionamento, desde a sua fundação, a prática de edição de textos portugueses arcaicos.

A essas três lacunas podemos acrescentar várias outras pendências, não tão graves nem tão urgentes como as acima arroladas e discutidas, mas que também devem ser expostas, pois são gerais e demandadoras de resolução. São elas:

- (i) elaboração de uma gramática geral do português arcaico, nos moldes das que já surgiram para outras línguas românicas, carência essa sentida por Mattos e Silva (2006; 2008a) e até então não sanada³⁸;
- (ii) revisitação às propostas de periodização da língua, sobretudo com a análise de novos fatores internos (morfológicos, léxicos, sintáticos, discursivos) e a reavaliação do conjunto de fatores externos, que possam confirmar ou refutar a existência de duas fases para o português arcaico, a sua duração e os marcos finais de cada uma delas (ou se tal divisão é interessante para a morfossintaxe e a fonologia, mas não para os demais níveis linguísticos, o que traria novas luzes — baseadas em comprovação empírica — à hipótese de que há níveis que se modificam mais celeremente que outros);
- (iii) promoção de estudos gerais (e outros mais específicos) sobre o léxico geral e onomástico, sobre a semântica lexical (formação de palavras) e sobre a sintaxe do período arcaico, áreas menos exploradas até o momento no plano da descrição, da análise e da sistematização da língua no recorte temporal aludido;

- (iv) aplicação das teorias linguísticas mais recentes e dos procedimentos/ferramentas de tratamento informático/computacional mais avançados e mais pertinentes aos dados perscrutados do português arcaico, nos estudos em desenvolvimento ou a serem desenvolvidos (cf. MATTOS E SILVA, 2006);
- (v) discussão aprofundada da séria questão terminológica que orbita em torno da nomeação da língua falada e escrita no noroeste peninsular ibérico entre os séculos XII/XIII e XV/XVI — Galego arcaico? Português arcaico? Galego-português (arcaico)? —, que envolve, como seria de se esperar, importantes implicações epistemológicas e conceituais;
- (vi) confrontação o mais sistemática e controlada possível entre textos dos séculos XII/XIII a XVI, dum lado e doutro do Minho, com o objetivo de verificar se de fato em cada um dos territórios (o galego e o que futuramente seria português) havia um sistema linguístico específico, diferente, ou se se tratava de um único e mesmo sistema (cf. MATTOS E SILVA, 1998b; 2008a), denotadora de uma unidade incontestável, não apenas quanto ao aspecto sonoro e morfossintático, mas também quanto aos aspectos morfológicos, lexicais, semânticos, sintáticos e discursivos;
- (vii) disponibilização, em um banco de dados unificado (sediado em algum grupo, como, e.g., o NEHiLP ou o PROHPOR) ou em cada um dos grupos que incidem sobre o português arcaico, do resultado do tratamento dos *corpora* textuais realizado por seus membros em monografias, dissertações e teses da área, que geralmente figuram como apêndices de tais escritos e que, por trazerem (não raras vezes) os dados etiquetados, classificados e organizados, serviriam como fundamento empírico para o desenvolvimento de outras pesquisas, acarretando (quando possível e suficiente) um trabalho mais ágil e menos delongado que o esquadrinhamento *verbum ad verbum* de edições de textos medievais;
- (viii) aproveitamento das contribuições etimológicas advindas de estudos monográficos sobre a língua vernácula medieval, sobretudo as que obtiveram retrodatações de vocábulos e outras estruturas linguísticas, para a revisão de datações e étimos que constam dos principais dicionários etimológicos gerais ou do português;
- (ix) análise do português rural hodierno (sobretudo o que se mantém em áreas mais isoladas e cuja penetração portuguesa remonta ao séc. XVI), para se observar a permanência (ou não) de traços do período arcaico nessas bolhas dialetais, ou seja, se o português rural brasileiro é portador de resquícios do português arcaico³⁹ para aqui trazido durante Quinhentos e, por conseguinte, uma fonte privilegiada (embora residual) para o estudo da língua em seus estágios pretéritos;

- (x) fortalecimento das trocas de saberes entre os centros universitários brasileiros onde se estuda o português arcaico e, mais ainda, entre tais centros e aqueles voltados a essa mesma pauta de pesquisa sediados na Galícia e em Portugal (e, se possível, de outros países ou regiões), a fim de favorecer a emergência, o desenvolvimento e a consolidação de projetos coletivos e interinstitucionais e, com isso, robustecer as pontes e o intercâmbio entre pesquisadores e instituições voltados a essas investigações, que, muitas vezes, limitam o alcance de suas conexões aos congressos gerais de filologia/linguística ou linguística histórica.

Tantas questões em aberto, tanta coisa a se fazer, tantos caminhos a serem percorridos, retraçados ou mesmo por primeira vez delineados... Tudo isso nos prova que há muito em que se trabalhar para chegarmos a uma aproximação mais burilada e enriquecedora à língua portuguesa (ou galego-portuguesa) arcaica, com a construção de pontes de via dupla para um trânsito eficiente e contínuo entre a língua de ontem e a língua de hoje, conexões essas que indubitavelmente conduzirão a uma compreensão mais atilada de fenômenos em uso no presente, que, não raras vezes, por serem tão abstrusos quando vistos através de uma ótica exclusivamente a-histórica, fornecem perplexidades ou entraves a análises sincronicistas. Há muito passado no presente, e, em virtude disso, o entendimento da língua hodierna só tende a se avultar e a se aperfeiçoar quando vislumbrado através de retinas ajustadas à contemplação do porto distante (ou não tão distante) da língua de outrora.

Notas

¹ “Trazer à baila as origens de nossa língua supõe assomar-se aos arcanos de nossas raízes com a insegurança do incógnito.” [Trad. nossa]

² O que foi feito até então em Portugal e em outros países estrangeiros como produtos de investigações sobre o português arcaico ficará como temática e mote para outro estudo.

³ Seguramente haverá (e serão detectadas) omissões e lacunas nos arrolamentos de autores, títulos e projetos feitos neste ensaio, que, quando intencionais, mostraram-se necessárias.

⁴ Para ensaios futuros mais aprofundados sobre o desenvolvimento dos estudos sobre o português arcaico no Brasil, pretendemos perscrutar quantitativa e qualitativamente no Diretório de grupos de pesquisa do CNPq os núcleos universitários (em funcionamento ou já encerrados) que se lançam/lançaram sobre essa seara, bem como as conferências, comunicações e artigos específicos sobre o tema apresentados ou derivados dos mais prestigiosos e influentes congressos internacionais ou nacionais de filologia e linguística.

⁵ Desde uma perspectiva semântico-morfolexical, voltada à descrição e análise dos processos de formação de palavras, Soledade (2004), Santos (2009) e Lopes (2018) não encontraram diferenciações substanciais no comportamento de tais processos numa e noutra sincronias arcaicas, excetuando-se o fluxo ascendente rumo a uma simplificação do espectro alográfico de sufixos, elementos composicionais e prefixos.

⁶ E também em Portugal.

⁷ A inserção de um qualificativo especificador para a língua galego-portuguesa dos séculos XIII-XIV (ou mesmo dos séculos XIII a XVI) não é uma inovação desse morfólogo, visto que, na literatura específica, há quem a denomina de *gallego-português antigo* (RIIHO, 1979) ou *galego-português medieval* (RODRIGUES, s.d., on-line).

⁸ A princípio de seu doutoramento, Lopes (2018) cogitou em fazer uso do termo *galego-português* apenas, sem a justaposição do adjetivo *arcaico* ou *medieval*. No entanto, haveria igualmente a possibilidade de críticas, pois os partidários de uma possível unidade entre o galego e o português até bem depois do período medieval, estendendo-se até os dias de hoje (e.g., COSERIU, 1987; cf. também o comentário feito sobre essa questão por CASTRO, 2011, p. 76), questionariam a qual galego-português se estaria referindo. Logo, pareceu-lhe ser menos problemático lançar mão do rótulo *galego-português arcaico* ou *galego-português medieval*.

⁹ Ou *galego-português medieval*, que utilizou apenas para evitar a repetição *ad nauseam* do termo *galego-português arcaico* em sua extensa tese, já que tinha ciência dos problemas que advêm do uso de adjetivos como *medieval* ou *antigo* para especificar a língua desse período (cf. MATTOS E SILVA, 2006).

¹⁰ Primeira edição: 1909.

¹¹ Sobre essa obra, diz-nos Mattos e Silva (1988, p. 96): “[...] posso com segurança afirmar, é, das gramáticas históricas da Língua Portuguesa existentes, aquela que melhor informa sobre a sintaxe e o léxico do português em etapas pretéritas de sua história.”

¹² Que parece ocupar o posto de primeira edição dotada de rigor filológico de um texto medieval português realizada no Brasil. Outra obra temporã seria a feita pelo Pe. Augusto Magne, S.J., a edição (acompanhada de um glossário, totalizando 3 volumes) da *Demanda do Santo Graal*, que veio à luz em 1944. No entanto, cabe ressalvas à consideração desse trabalho do Pe. Magne como pioneiro, pois, de acordo com Castro (1988), houve supressões e reescritas do texto do manuscrito-fonte, caracterizando-se, assim, como uma edição *ad usum delphini*. Só em 1955 seria publicado pelo referido jesuíta uma nova edição com rigor filológico (crítica, ladeada pela edição fac-similar), num primeiro volume, ao que se seguiu, postumamente (1970), o segundo (CASTRO, 1988).

¹³ Mattos e Silva, em artigo seu de 1988, asseverava que dita obra seráfica não havia sido superada nem no Brasil nem em Portugal e que dificilmente viria a sê-lo. Em outro texto publicado (MATTOS E SILVA, 1996a, p. 232), afirma que o referido estudo de Silva Neto era a única grande e abrangente história da língua portuguesa que havia emergido até aquele momento. É interessante também o que Faraco

(2018) escreve a respeito dessa obra, apontando-a como marco do apogeu e fecho da linguística histórica (histórico-comparativa) no Brasil.

¹⁴ De acordo com Mattos e Silva (1998a), um novo interesse pela linguística histórica em solo brasileiro só se daria a partir dos inícios dos anos oitenta do século passado. Já em um artigo anterior, de 1988, deixa entrever que esse novo despertar tomou impulso inicial já na década de 1970. Destarte, pensamos que seja mais seguro situar o renascimento dessa Fênix no espaço temporal entre as décadas de 1970-1980, embora com a ressalva que em outras ocasiões a referida medievalista tenha apontado o ano de 1984 como o sinalizador da retomada dos estudos de linguística histórica no país (cf. FARACO, 2018).

¹⁵ Quando questionada se era filóloga ou linguista, Mattos e Silva, inteligentemente, se identificava como *professora de português* (MATTOS E SILVA, 2013; LOBO et al., 2012a; MACHADO FILHO, 2013), saindo pela tangente. No entanto, pelo conjunto de sua obra, pensamos que era de fato mais linguista que filóloga. E provavelmente assim se considerava, haja vista que chega a afirmar o seguinte: “[...] prossegui no meu Doutorado, concluído em 1971, com a edição crítica de *A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*, orientada em Lisboa pelo filólogo e hispanista L. F. Lindley Cintra e em S. Paulo pelo romanista Isaac Nicolau Salum. Selou-se desse modo um destino de pesquisadora. Os amores da juventude, jamais os esqueceremos! Contudo, a minha grande paixão nunca foi o texto em si, mas sim o constante tornar-se da língua que se pode observar no estudo lingüístico dos textos remanescentes do passado. Era a história da língua que buscava e busco nos textos pretéritos.” (MATTOS E SILVA, 1996a, p. 233-234).

¹⁶ A curiosidade científica de Mattos e Silva, ainda que concentrada nessas áreas da filologia, da linguística histórica e do português arcaico, não se voltou exclusivamente a elas, pois foi também uma investigadora extraordinária sobre a constituição sócio-histórica do português brasileiro, sobre a aquisição desse idioma como segunda língua pelos kamayurá do Alto Xingu, bem como sobre o ensino de português como língua materna nas escolas do Brasil (LOBO & LOPES, 2018).

¹⁷ Declaração feita em seu discurso na cerimônia em que recebeu o título de Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia, em 5 de julho de 2011.

¹⁸ Primeira edição (1989): pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Portugal); segunda edição: pela Editora da Universidade Federal da Bahia — EDUFBA (2010).

¹⁹ Sem contar escritos menores, como prefácios, posfácios, verbetes etc.

²⁰ Suas rotas cardeais fincam-se em dois aspectos primordiais: (i) o processo de disponibilização do espólio bibliográfico inédito (manuscrito, datiloscrito e impresso) e publicado dessa insigne cientista na página do PROHPOR, criando um repositório ou fundo digital a modo de homenagem pela sua trajetória profissional e intelectual na UFBA e também como recurso de consulta de fácil acesso para os estudiosos que se dedicam à história da língua; (ii) *pari passu*, o desenvolvimento de estudos analíticos e críticos sobre tal lastro bibliográfico, de grande monta para a historiografia linguística no país. Ademais, é também escopo do *Opera Omnia*

realizar o inventário, catalogação e condicionamento adequado da biblioteca particular e epistolário de Mattos e Silva (cf. LOBO & LOPES, 2018).

²¹ Tendo como vice-coordenadora a Profa. Tânia Lobo.

²² Atualmente, a discente mencionada se debruça, com maior dedicação, sobre o acervo manuscrito e datiloscrito inédito de Mattos e Silva, visando à elaboração de um inventário completo desses escritos e à realização de um estudo filológico e historiográfico sobre eles, que será a sua monografia de conclusão do curso de Bacharelado em Letras Vernáculas.

²³ Sua composição original deu-se em 1990 (MATTOS E SILVA, 2013; 2012; 2006), idealizada e capitaneada pela Profa. Rosa Virgínia Mattos e Silva e tendo como demais partícipes as Profas. Maria do Socorro Sepúlveda Netto, Therezinha Barreto e Sônia Borba (MATTOS E SILVA, 2006). No ano seguinte, aderiram ao grupo outros quatro importantes linguistas, os Profs. Ilza Ribeiro, Tânia Lobo, Dante Lucchesi e Sílvia Rita Olinda, havendo a formalização do PROHPOR como grupo de pesquisa oficial na plataforma do CNPq (MATTOS E SILVA, 2006). A partir desse núcleo primeiro, a iniciativa se irradiou, com a adesão de novos investigadores e a criação de uma robusta rede de colaboração para a realização e promoção de estudos históricos sobre a língua portuguesa, da qual emergiram inúmeras coletâneas e publicações sobre o tema e um sem-fim de projetos coletivos ou individuais de pesquisa (de iniciação científica, bacharelado, mestrado, doutorado, pós-doutorado) atinentes a essa pasta.

²⁴ Esse último subnúcleo foi o derradeiro a ser criado estando viva a Profa. Rosa Virgínia Mattos e Silva. Originou-se da aderência imediata ao PROHPOR dos investigadores (e respectivos orientandos) da linha de pesquisa *História da Leitura e da Escrita no Brasil*, que tomou corpo no processo de reestruturação do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA, ocorrido em 2009.

²⁵ Além da criação de um grupo de pesquisa independente, o *Nêmesis — Estudos do Léxico e da História da Língua Portuguesa*, resultante da saída oficial do Prof. Américo Venâncio Lopes Machado Filho e de seus orientandos do PROHPOR.

²⁶ Cujá criação foi devida, de certo modo, aos desdobramentos propulsores das pesquisas de morfologia léxica histórica levadas a cabo pelas Profas. Juliana Soledade e Antonia Vieira em suas teses de doutoramento, defendidas, respectivamente, em 2004 e 2009.

²⁷ Indubitavelmente, inspirado pela trajetória e pelas contribuições da Profa. Ilza Ribeiro (*in memoriam*), grande sintaticista gerativista, que desenvolveu uma leva de estudos sobre o componente sintático na língua portuguesa, sob uma perspectiva histórico-diacrônica.

²⁸ Reconhecimento concedido pelo CNPq a Rosa Virgínia Mattos e Silva na 5ª edição da série *Pioneiras da Ciência no Brasil*, em 2015 (cf. a página <<http://cnpq.br/pioneiras-da-ciencia-do-brasil5>>, acessada em 10 de abril de 2019). Até essa edição, era ela a única linguista agraciada com tal título. Atualmente, além de Mattos e Silva, figura no rol das 80 (oitenta) *Pioneiras da Ciência no Brasil* outra grande linguista, Leda Bisol (1924-), premiada na 7ª edição da série, em 2018.

²⁹ Não podemos deixar de mencionar, além dessas quatro edições do Congresso Internacional de Linguística Histórica, as três edições de outro evento acadêmico-científico também importante, concernente aos mesmos campos, o da linguística histórica e o da constituição histórica da língua: o *Colóquio Internacional de Linguística Histórica* (Coimbra, 2010, 2012, 2017).

³⁰ A sufixação no português arcaico teve a sua descrição e análise realizadas já nos anos de 2001 e 2004, com os estudos da Profa. Juliana Soledade. Já a composição e prefixação desse período pretérito tiveram que aguardar mais tempo, pois o primeiro fenômeno passou a contar com o seu estudo geral no ano de 2009, enquanto o último somente nos anos de 2013 e 2018. Daí que em sua obra prima, publicada em 2008a, Mattos e Silva ainda informe e alerte seus pares de que não havia até então nenhum estudo geral sobre a composição ou a prefixação no léxico do português arcaico.

³¹ Entendimento das construções léxico-morfológicas como micronarrativas ou *historinhas* (BOTELHO, 2009), algo que parece ter sido inspirado pelas elucubrações de Turner (1996). São de Botelho (2004), Carmo (2005) e Santos (2005) os primeiros estudos baseados nessa linha teórico-analítica de entendimento de vocábulos derivados. A abordagem desenvolvida por essas linguistas foi teoricamente rediscutida e aprofundada no estudo doutoral de Lopes (2018) e em outros anteriores, também de sua pena (LOPES, 2016a; 2016b).

³² Até onde sabemos, o primeiro estudo no mundo que, para a análise de vocábulos derivados, procedeu a uma coadunação entre fluxo diacrônico e a teoria da compressão léxica.

³³ A mais recente das teorias morfológicas para análise dos processos de formação de palavras; concebida por Geert Booij (2010a; 2010b; 2015; 2017), sendo a ramificação teórica da linguística cognitiva e da gramática das construções voltada à apreciação do domínio morfolexical.

³⁴ Indubitavelmente, o primeiro estudo no mundo que aplicou os princípios da morfologia construcional à análise de dados do português arcaico. Para além disso, até onde sabemos, foi o primeiro trabalho em âmbito mundial a aplicar tal teoria a um *corpus* empírico pretérito, associando morfologia construcional e diacronia.

³⁵ Esse último em coautoria com a Dra. Graça Rio-Torto, da Universidade de Coimbra.

³⁶ Algo que antes era focado por Mattos e Silva (cf. MACHADO FILHO, 2012) e hoje não está sendo levado com tanto afinco. Como dissemos, a leitura de textos do português arcaico pode ser feita autodidaticamente, mas parece ser mais frutífera quando realizado sob a tutela de um estudioso já letrado no português medieval.

³⁷ Embora bem menos frequente que antanho, vez ou outra chegam informes do labor de ensinar a ler e compreender textos do português arcaico, como os que fez em 2015 o subgrupo GESCOG, através de leituras comentadas (para todos os membros do grupo) *do Livro das Aves*; ou os pesquisadores como a Profa. Juliana Soledade e nós mesmos, que continuamos realizando, para os orientandos que estudam ou estudarão o português arcaico, reuniões de orientação conjunta ou particular para a aquisição de uma destreza leitora que os capacite a entender os

textos arcaicos e, através disso, poderem arquitetar, a partir do *corpus* textual sobre o qual se debruçam, um conhecimento burilado sobre esse seu objeto investigativo.

³⁸ Embora achegas significativas para uma gramática do português do séc. XIV sejam expostas na obra *Estruturas Trecentistas* (1989), da sobredita linguista. Essa mesma autora, em um de seus manuais sobre o português arcaico (2006) menciona a obra *Altportugiesisches Elementarbuch* (1933) — traduzida em 1986 ao português com o título *Gramática do português antigo* —, do filólogo alemão Joseph Huber, como uma gramática de moldes historicistas que confronta o latim e o português medieval, com alguns aportes sobre a sintaxe da língua vernacular desse período. Não tivemos acesso a tal obra, mas nos fiamos no juízo de Mattos e Silva, que, mesmo arrolando o sobredito estudo de Huber (1933) em seu manual (2006), afirma que “Não existe uma gramática do português arcaico, como existem várias para outras línguas românicas.” (MATTOS E SILVA, 2006, p. 47).

³⁹ Ideia inspirada nas considerações de Mattos e Silva (2009), que considera os dialetos rurais e populares brasileiros como possíveis detentores de muitos arcaísmos.

Referências

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; LOPES, Mailson (Org.). **O Livro do Livro das Aves**. Salvador: EDUFBA, no prelo.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Conceptualizações da ação sexual na Idade Média: revelações das cantigas de escárnio e maldizer. In: RODRÍGUEZ, David; LOPES, Mailson (Org.). **Galícia doutro lado do Atlântico**: estudos galegos na Bahia. Salvador: Ponte Atlântica, 2018. p. 61-86.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Histórias sobre as redes de significação do item léxico foda à luz do sociocognitivismo. In: ____.; SANTOS, Elisângela Santana dos (Org.). **Linguagens e cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 13-46.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. O Campo léxico ‘comerciante’ no português arcaico: alguns comentários. In: MOURA, Denilda; SIBALDO, Marcelo Amorim; SEDRINS, Adeilson Pinheiro (Org.). **Novos desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita**. Maceió: EDUFAL, 2010. p. 457-462.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. **Contribuição para o estudo do campo semântico ‘trabalhador’ no português arcaico**. 2007. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ALTMAN, Cristina. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. **Todas as letras**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 14-37, 2012.

ALTMAN, Cristina. **A pesquisa linguística no Brasil: 1968-1988**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

BAGNO, Marcos. O português não procede do latim: uma proposta de classificação das línguas derivadas do galego. **Grial**, n. 191, p. 34-39, 2011.

BARONAS, Roberto Leiser. **Rosa Virgínia Barreto de Mattos Oliveira e Silva (1940-2012)**. Disponível em: <http://memoria.cnpq.br/web/guest/pioneiras-view/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/2525166>. Acesso em: 10 maio 2019.

BARRETO, Therezinha Maria de Mello. Pero e porem: uma trajetória de gramaticalização. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 23-24, p. 169-191, 2001.

BARRETO, Therezinha Maria de Mello. **Gramaticalização de conjunções na história do português**. 1999. 636 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

BOOIJ, Geert. The construction of words. In: DANCYGIER, Barbara (Ed.). **The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 229-246.

BOOIJ, Geert. Construction Morphology. In: HIPPISEY, Andrew; STUMP, Gregory T. (Ed.). **The Cambridge Handbook of Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 424-448.

BOOIJ, Geert. **Construction morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010a.

BOOIJ, Geert. Construction morphology. **Language and Linguistics Compass**, 3/1, p. 1-13, 2010b.

BOTELHO, Laura Silveira. Uma abordagem sociocognitiva das construções agentivas X-eiro: jardineiro, micreiro, torradeira, laranjeira, nevoeiro, bobeira. In: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (Org.). **Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 178-201.

BOTELHO, Laura Silveira. **As construções agentivas em X-EIRO: uma abordagem sociocognitiva**. 2004. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

BROCARD, Maria Teresa. **Tópicos de história da língua portuguesa**. Lisboa: Colibri, 2014.

CAMPOS, Lucas Santos. **A negação prefixal na história da língua portuguesa.** 2004a. 360 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CAMPOS, Lucas Santos. As primeiras ocorrências do emprego do não como prefixo. In: JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 20., 2004. João Pessoa, **Anais...** João Pessoa: JNELL, 2004b. p. 1-10.

CARDEIRA, Esperança M. da Cruz Marreiros. **Entre o português antigo e o português clássico.** Lisboa: Imprensa Nacional, 2005.

CARMO, Crysna Bonjardim da Silva. **A configuração da rede polissêmica de construções agentivas denominais X-ISTA:** uma abordagem sociocognitiva. 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

CARVALHO, Maria José. **Do português arcaico ao português moderno:** contributos para uma nova proposta de periodização. 1996. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa) — Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Celebração de Rosa Virgínia Mattos e Silva. In: LOBO, Tânia et al. (Org.). **ROSAE:** linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 19-23.

CASTRO, Ivo. **Introdução à História do Português.** 2. ed. revista e muito ampliada. Lisboa: Colibri, 2011.

CASTRO, Ivo. Uma nova edição da Demanda do Santo Graal. In: PIEL, Joseph-Maria; NUNES, Irene Freire (Ed.). **A Demanda do Santo Graal.** Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

COSERIU, Eugenio. El galego y sus problemas. Reflexiones frías sobre un tema candente. **Lengua Española Actual**, n. IX, p. 127-138, 1987.

COSTA, Sônia Bastos Borba. Espaço e tempo em adverbiais portugueses quinhentistas. In: ____; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (Org.). **Do português arcaico ao português brasileiro.** Salvador: EDUFBA, 2004. p. 47-66.

COSTA, Sônia Bastos Borba; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (Org.). **Do português arcaico ao português brasileiro.** Salvador: EDUFBA, 2004.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **Adverbiais espaciais e temporais do português:** indícios diacrônicos de gramaticalização. 2003. 3 v. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

CUNHA, Celso Ferreira da (Ed.). **O cancionero de Martin Codax**. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia, 1956.

CUNHA, Celso Ferreira da (Ed.). **O cancionero de Joan Zorro**. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia, 1949.

CUNHA, Celso Ferreira da (Ed.). **O Cancioneiro de Paay Gomes Charinho**, trovador do século XIII. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia, 1945.

EMILIANO, António H. A. Sobre a questão d'os mais antigos textos escritos em português. In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês (Org.). **Razões e emoção**: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Lisboa: IN-CM, 2003. p. 261-278. [Vol. I].

ENTWISTLE, William J. **Las lenguas de España**: castellano, catalán, vasco y gallego-portugués. 5. ed. Trad. de Francisco Villar. Madrid: ISTMO, 1988.

FARACO, Carlos Alberto. Breve retrospectiva do pensamento linguístico-histórico no Brasil. In: CASTILHO, Ataliba T. **História do português brasileiro**: o português brasileiro em seu contexto histórico. São Paulo: Contexto, 2018. p. 32-71. [Vol. 1].

FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola, 2016.

FARACO, Carlos Alberto. 40 anos de Linguística Histórica. In: HORA, Dermeval; ALVES, Eliane Ferraz; ESPÍNDOLA, Lucienne C. (Org.). **Abralin**: 40 anos em cena. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

GODOY, Eliana Vieira. Historiografia linguística: um percurso histórico linguístico. **Múltiplas leituras**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 177-188, 2009.

GOMES FILHO, Antônio (Ed.). **Um tratado de cozinha portuguesa do século XV**: leitura diplomática e modernizada. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

HERNÁNDEZ ALONSO, César. A vueltas con el origen del castellano. In: PERDIGUERO VILLARREAL, Hermógenes (Ed.). **Lengua romance en textos latinos de la Edad Media**: sobre los orígenes del castellano escrito. Burgos: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Burgos; Instituto Castellano y Leonés de la Lengua, 2003. p. 139-145.

LOBO, Tânia; LOPES, Mailson. Rosa Virgínia Mattos e Silva: biobibliografia. In: CASTILHO, Ataliba T. **História do português brasileiro**: o português brasileiro em seu contexto histórico. São Paulo: Contexto, 2018. p. 97-119. [Vol. 1].

LOBO, Tânia et al. (Org.). Apresentação. In: _____. **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012a. p.11-12.

LOBO, Tânia et al. (Org.). **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012b.

LOPES, Mailson dos Santos. **Rastreamento e análise comparativa de vocábulos corradicais sinonímicos prefixados com diferenciação morfolexical no espanhol e português contemporâneos**. Projeto institucional de pesquisa — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

LOPES, Mailson dos Santos; RIO-TORTO, Graça Maria. Fluctuación prefijal en el gallego-portugués y en el castellano medieval. **Estudios de lingüística galega**, Santiago de Compostela, v. 11, p. 1-19, 2019. [no prelo]

LOPES, Mailson dos Santos. **Estudo histórico-comparativo da prefixação no galego português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI): aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos**. 2018. 5 v. 2430 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura; Doutoramento em Linguística do Português) — Instituto de Letras/Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia/Universidade de Coimbra, Salvador/Coimbra.

LOPES, Mailson dos Santos. **A combinação de prefixos no galego-português**. Comunicação no IV Congresso Internacional de Linguística Histórica. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017. [Mimeo].

LOPES, Mailson dos Santos. Um olhar semanticocêntrico sobre a prefixação em um documento português do século XIV. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos (Org.). **Linguagens e cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016a. p. 229-259.

LOPES, Mailson dos Santos. **A compressão léxica como perspectiva de análise semântica dos derivados prefixais**. Comunicação no I Seminário Sergipano de Linguística Histórica. Faculdade São Luís de França, Aracaju, 2016b. [Mimeo].

LOPES, Mailson dos Santos. Retomando a linguística histórico-comparativa românica: uma proposta de estudo da prefixação no castelhano e no galego-português medievais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 8., 2014. Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro: ABH, 2016c. p. 519-536.

LOPES, Mailson dos Santos. A parassíntese lato e stricto sensu na primeira fase do português arcaico. In: HORA, Dermeval da et al. **ALFAL 50 anos: contribuições para os estudos linguísticos e filológicos**. João Pessoa: Ideia, 2015. p. 969-1012.

LOPES, Mailson dos Santos. **Uma rota, várias questões: notas acerca de uma investigação científica sobre a prefixação no castelhano, no galego e no português**

arcaicos. Comunicação na 2ª edição dos Seminários Internos do PROHPOR. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. [Mimeo].

LOPES, Mailson dos Santos. **A prefixação na primeira fase do português arcaico**: descrição e estudo semântico-morfolexical-etimológico do paradigma prefixal da língua portuguesa nos séculos XII, XIII e XIV. 2013. 2v. 943 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

LOPES, Mailson dos Santos; SOLEDADE, Juliana. Algumas considerações gerais atinentes ao fenômeno da prefixação na primeira fase do português arcaico (séculos XII-XIV). **Cadernos do NEMP**, v. 4, p. 61-77, 2013.

MACÊDO, Anna Maria Nolasco de. **Gramaticalização de locuções prepositivas no português arcaico e no galego**. 2003. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MACÊDO, Anna Maria Nolasco de. Breves reflexões sobre a dialectologia galega. **Estudos linguísticos e literários**, n. especial, p. 163-178, set. 1996.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Verbos existenciais em um Flos Sanctorum do século XIV. In: SILVA, Elisângela Gonçalves da (Org.). **As construções existenciais em foco**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 57-76.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Rosa Virgínia Mattos e Silva: sobre a vida e a obra de uma linguista histórica brasileira. In: CONGRESSO NACIONAL DE FILOLOGIA E LINGUÍSTICA, 17., 2013, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2013. p. 117-133. [Vol. XVII].

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Pequeno vocabulário do português arcaico**. Brasília: Editora UnB, 2014.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Dicionário etimológico do português arcaico**. Salvador: EDUFBA, 2013a.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Léxico de étimo árabe em uso no período arcaico do português. **Entrepalavras**, v. 3, p. 61-70, 2013b.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Um Flos Sanctorum trecentista em português**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Diálogos de São Gregório**: edição e estudo de um manuscrito medieval português. Salvador: EDUFBA; Mosteiro de São Bento da Bahia, 2008.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **A pontuação em manuscritos medievais portugueses**. Salvador: EDUFBA, 2004a.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. ENDE e HI no período arcaico do português. In: COSTA, Sônia Bastos Borba; _____. (Org.). **Do português arcaico ao português brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2004b. p. 83-113.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Breve incursão pelo léxico medieval do português: o testemunho de um manuscrito trecentista. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n. 29/30, p.15-29, 2003.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. A pontuação em João de Barros: preceitos e usos. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; _____. (Org.). **O português quinhentista: estudos linguísticos**. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 351-366.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **A pontuação em manuscritos medievais portugueses**. 2000. 215 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MARTINS, Ana Maria. O primeiro século do português escrito. In: BOULLÓN AGRELO (Ed.). **Na nosa lyngoage galega: a emerxencia do galego como lingua escrita na Idade Média**. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega / Instituto da Lingua Galega, 2007. p. 161-184.

MARTINS, Ana Maria. **Documentos portugueses do noroeste e da região de Lisboa: da produção primitiva ao século XVI**. Lisboa: IN-CM, 2001.

MARTINS, Ana Maria. Ainda 'os mais antigos textos escritos em português': documentos de 1175 a 1252. In: FARIA, Isabel (Org.). **Lindley Cintra: homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão**. Lisboa: Cosmos; FLUL, 1999. p. 491-534.

MATEUS, Maria Helena Mira. Saudação. In: LOBO, Tânia et al. (Org.). **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 13-18.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. O difícil fazer de uma edição crítica de um manuscrito medieval: relato de uma experiência. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 669-678, maio/ago. 2013.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Rosae: desvelando um dativo. In: LOBO, Tânia et al. (Org.). **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 25-30.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; OLIVEIRA, Klebson; AMARANTE, José (Org.). **Várias navegações: português arcaico, português brasileiro, cultura escrita no Brasil, outros estudos**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. Salvador: EDUFBA, 2010 [1989].

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. O conceito relativo de neologismo e arcaísmo: um estudo pancrônico. In: OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA, Hirão F.; SOLEDADE, Juliana (Org.). **Do português arcaico ao português brasileiro**: outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 11-20.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico**: uma aproximação. Lisboa: IN-CM, 2008a. [Vol. 1: Léxico e morfologia].

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico**: uma aproximação. Lisboa: IN-CM, 2008b. [Vol. 2: Sintaxe e fonologia].

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Por que estudar no século XXI o português arcaico, antigo ou medieval**. Conferência inédita no X Seminário de Linguística Aplicada, Salvador, 2008c. [Mimeo].

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Sobre o Programa para a história da língua portuguesa (PROHPOR) e sua inserção no Projeto Nacional Para a história do Português Brasileiro (PHPB). **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 31/32, p. 53-64, 2005.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. A gramaticalização numa perspectiva diacrônica: contribuições baianas. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 29/30, p. 135-147, 2003.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (Org.). **O português quinhentista**: estudos linguísticos. Salvador: EDUFBA, 2002.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. In: ____.; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (Org.). **O português quinhentista**: estudos linguísticos. Salvador: EDUFBA, 2002.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. O renovado impulso nos estudos históricos do português: temas e problemas. **A Cor das Letras**, Feira de Santana, n. 2, p. 15-28, dez. 1998a.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Alguma reflexão sobre a questão da unidade original galego-portuguesa. In: ALBÁN, Maria del Rosario Suárez (Org.). **Língua e imigração galegas na América Latina**. Salvador: EDUFBA, 1998b. p. 97-103.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Notícia sobre o Programa para a História da Língua Portuguesa. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, número especial, p. 231-237, 1996a.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). **A carta de Caminha**: testemunho linguístico de 1500. Salvador: EDUFBA, 1996b.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para uma caracterização do português arcaico. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, n. 10, p. 247-276, 1994.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico**: morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 1993.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico**: fonologia. São Paulo: Contexto; Bahia: EDUFBA, 1991.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Estruturas Trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: IN-CM, 1989.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da lingüística histórica no Brasil. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 85-113, 1988.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório**. Edição crítica com Introdução e Índice geral das palavras lexicais. 1971. 4 v. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. (Mimeografada; inédita).

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. **Os estudos de português no Brasil**. Letras, Curitiba, v. 17, p. 23-52, 1969.

MONTEAGUDO, Henrique. Galego, português e brasileiro no tempo. Achegas para unha diacronia comparada. In: LAGARES DIEZ, Xoán Carlos; _____. (Org.). **Galego e português brasileiro**: história, variação e mudança. Niterói: Editora da UFF; Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2012. p. 37-104.

MONTEAGUDO, Henrique. **Letras primeiras**: o Foral do Burgo de Caldelas, os primórdios da lírica trovadoresca e a emexencia do galego escrito. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2008.

NASCIMENTO, Hérwickton Israel de Oliveira. **A pontuação na história da língua portuguesa**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Graduação Em Letras) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

NASCIMENTO, Hérwickton Israel de Oliveira. Edição e estudo da pontuação em uma obra de Garcia de Resende. In: OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA, Hirão F.;

GOMES, Luís (Org.). **Novos tons de Rosa... para Rosa Virgínia Mattos e Silva.** Salvador: EDUFBA, 2009. p. 52-60.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. A historiografia linguística e a consolidação de seu estatuto científico. **Acta Assis**, v. 1, p. 1-9, 2011.

NEGRO, Marta; ÁLVAREZ, Rosario; MOSCOSO, Eduardo (Org.). **Gallaecia: estudos de lingüística portuguesa e galega.** Universidade de Santiago de Compostela: Santiago de Compostela, 2017.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia.** 8. ed. Lisboa: Clássica, 1975.

NUNES, José Joaquim. **Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses.** Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928. [Vol. III; Glossário].

NUNES, José Joaquim. **Crestomatia arcaica: excertos da literatura portuguesa desde o que de mais antigo se conhece até ao século 16, acompanhados de introdução gramatical, notas e glossário.** 2. ed. corr. e aum. Lisboa: Portugal-Brasil, 1921.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia.** Lisboa: Clássica, 1919.

OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA, Hirão F.; SOLEDADE, Juliana (Org.). **Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias.** Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA, Hirão F.; GOMES, Luís (Org.). **Novos tons de Rosa... para Rosa Virgínia Mattos e Silva.** Salvador: EDUFBA, 2009.

PINTO, Carlos Felipe; ANTONELLI, André. O efeito V2 na história do espanhol e do português. **Filologia e Linguística Portuguesa** (online), v. 16, p. 163-197, 2014.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. **Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista.** Salvador: EDUFBA, 2002.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. **Relações expressas por preposições no período arcaico do português em confronto com o latim.** 1999. 861 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RIBEIRO, Ilza. **Ensaio em sintaxe diacrônica do português.** Salvador: EDUFBA, 2015.

RIBEIRO, Ilza; MORAIS, Maria Aparecida Torres de. Doubling-que embedded constructions in Old Portuguese. In: GALVES, Charlotte et al. (Org.). **Parameter theory and linguistic change**. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 97-116.

RIBEIRO, Ilza; KATO, Mary. Focalização de predicados no português arcaico e moderno. In: AGUILERA, Vanderici (Org.). **Para a história do português brasileiro: vozes, veredas, voragens**. Londrina: Eduel, 2009. p. 369-392. [Vol. VII; tomo II].

RIIHO, Timo. **POR y PARA: estudio sobre los orígenes y la evolución de una oposición prepositiva iberorrománica**. Helsinki: Societas Scientiarum Fennica, 1979.

RODRIGUES, Fábio Della Paschoa. **O Português Arcaico do Século XV**. Análise de um texto: a Crônica de D. Fernando de Fernão Lopes. s.d. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/p00001.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

SACERDOTE, Irani. **Antroponímia do português arcaico: um estudo de sobrenomes e sócio-história**. 2013. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SACERDOTE, Irani. Antroponímia portuguesa: um breve estudo acerca dos sobrenomes no período medieval. **Voos**, v. 4, p. 31-40, 2012.

SAID ALI, Manoel. **Lexeologia do portuguez historico**. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

SAID ALI, Manoel. **Grammatica histórica da língua portugueza**. São Paulo: s.n., 1931.

SAMPAIO, Lisana Rodrigues Trindade. **Cantigas satíricas do Cancioneiro da Biblioteca Nacional: edição diplomática e estudo dos verbos em perspectiva lexicográfica**. 2018. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SAMPAIO, Lisana Rodrigues Trindade. Segundo lh'eu oy de contar: estudo dos verbos das cantigas satíricas do Cancioneiro da Biblioteca Nacional em perspectiva histórica. In: AZEVEDO, Tânia; LOURO, Maria Filomena (Org.). **Ler a Idade Média hoje: fontes, texto e tradução**. Braga: Húmus, 2017. p. 141-153.

SAMPAIO, Lisana Rodrigues Trindade. **Edições e estudo do Livro dos usos da Ordem de Cister, de 1415**. 2013. 369f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Ana Maria Tavares. **Uma abordagem sociocognitiva da rede de construções agentivas deverbais X-NTE**. 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em

Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

SANTOS, Antonia Vieira dos. Padrões de composição de palavras na poesia medieval galego-portuguesa. In: SANTOS, Elisângela Santana dos; ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SIMÕES NETO, Natival Almeida (Org.). **Olhares sobre o léxico**: perspectivas de estudo. Salvador: Eduneb, 2018. p. 111-138.

SANTOS, Antonia Vieira dos. Padrões de composição de palavras no Foro Real, de Afonso X. In: NEGRO, Marta; ÁLVAREZ, Rosario; MOSCOSO, Eduardo (Org.). **Gallaecia**: estudos de lingüística portuguesa e galega. Universidade de Santiago de Compostela: Santiago de Compostela, 2017. p. 163-179.

SANTOS, Antonia Vieira dos. Compostos NpreN no português arcaico: aspectos morfossintáticos. **Confluência**, v. 1, p. 191-214, 2016a.

SANTOS, Antonia Vieira dos. Compostos criativos no período arcaico da língua portuguesa. In: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos (Org.). **Linguagens e cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016b. p. 213-228.

SANTOS, Antonia Vieira dos. A intervenção do editor no registro das palavras compostas em textos do português arcaico: algumas reflexões sobre o uso do hífen. **Filologia e Linguística Portuguesa** (Online), v. 16, p. 171-189, 2014.

SANTOS, Antonia Vieira dos. A composição coordenativa no português arcaico: um primeiro estudo. **Cadernos do NEMP**, v. 1, p. 93-103, 2013.

SANTOS, Antonia Vieira dos. **Compostos sintagmáticos nominais VN, NN, NA, AN e NPrepN no português arcaico (sécs. XIII-XV)**. 2009a. 284 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Antonia Vieira dos. Breve descrição da composição sintagmática nominal no português arcaico. In: OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA, Hirão F.; SOLEDADE, Juliana (Org.). **Do português arcaico ao português brasileiro**: outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2009b. p. 21-42.

SANTOS, Antonia Vieira dos. Processos de Composição nas Cantigas de Santa Maria. In: Rei-Doval, Gabriel (Org.). **A Linguística Galega desde Além Mar**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela; Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2009c. p. 391-404.

SANTOS, Eliete Oliveira. A pontuação na Carta de Pero Vaz de Caminha comparada à proposta de João de Barros. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (Org.). **O português quinhentista**: estudos lingüísticos. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 367-376.

SANTOS, Elisângela Santana dos. Os variados usos dos verbos dar e tomar nos primeiros séculos do português. In: RODRÍGUEZ, David; LOPES, Mailson (Org.). **Galícia doutro lado do Atlântico: estudos galegos na Bahia**. Salvador: Ponte Atlântica, 2018. p. 53-60.

SANTOS, Elisângela Santana dos. Notícias sobre a polissemia do verbo tomar no português arcaico. In: Almeida, Aurelina Ariadne Domingues; _____.; SOLEDADE, Juliana (Org.). **Saberes Lexicais: mundos, mentes e usos**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 255-277.

SANTOS, Elisângela Santana dos. **A polissemia do verbo tomar ao longo da história da língua portuguesa**. 2011. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS OLIVEIRA, Ione Pereira dos. **Gramaticalização de advérbios formados com o morfema -mente: uma proposta de categorização semântica**. 2014. 264 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SILVA JÚNIOR, Manuel Pacheco da. **Grammatica historica da lingua portugueza**. Rio de Janeiro: Typ. A vapor de D. M. Hazlett, 1878.

SILVA NETO, Serafim da. **Textos medievais portugueses e seus problemas**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1950.

SIMÕES NETO, Nival Almeida. **As construções X-ari- no latim e as suas correspondentes no romeno, italiano, francês e espanhol: um enfoque comparativo e construcional**. Tese de doutorado em andamento (Doutorado em Língua e Cultura) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SIMÕES NETO, Nival Almeida. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. **Domínios de lingu@gem**, v. 11, p. 468-501, 2017.

SIMÕES NETO, Nival Almeida. **Um enfoque construcional sobre as formas X-eir-: da origem latina ao português arcaico**. 2016a. 2 v. 655 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SIMÕES NETO, Nival Almeida. Morfologia, morfologias: um diálogo entre morfologia histórica e morfologia construcional a partir das construções X-eir- no português arcaico. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana. (Org.). **Linguagens e cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016b. p. 261-283

SOLEDADE, Juliana; SIMÕES NETO, Natival Almeida; LOPES, Mailson. **Projeções metafóricas em micronarrativas**: uma análise de derivações do português arcaico. Comunicação no Simpósio Metáforas na história da língua portuguesa: diálogos com a linguística histórica, no VI Congresso Internacional sobre a Metáfora na Linguagem e no Pensamento, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. [Mimeo].

SOLEDADE, Juliana; SIMÕES NETO, Natival Almeida. Um enfoque da Morfologia Construcional sobre as construções X-ário no português arcaico. **Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural**, v. 5, p. 143-171, 2015.

SOLEDADE, Juliana; SIMÕES NETO, Natival Almeida. Túnel morfológico: polissemia, alomorfia, sinmorfismo e doublets no português arcaico e no português brasileiro. **Estudos Linguísticos e Literários**, v. 47, p. 105-126, 2013.

SOLEDADE, Juliana; COSTA, Maísa. Derivação sufixal: funcionamento e sentidos do sufixo -dor1 e -dor2 no português arcaico. **Crátulo**, Patos de Minas, v. 6, p. 66-71, 2013.

SOLEDADE, Juliana. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [Xi -EIR-]Nj no português arcaico. **Diadorim**, Rio de Janeiro, n. especial, p. 83-111, 2013.

SOLEDADE, Juliana. O sinmorfismo e os doublets no Português Arcaico. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; OLIVEIRA, Klebson; AMARANTE, José (Org.). **Várias navegações**: português arcaico, português brasileiro, cultura escrita no Brasil, outros estudos. Salvador: EDUFBA, 2012a. p. 45-66.

SOLEDADE, Juliana. Antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação em nomes personativos. In: LOBO, Tânia et al. (Org.). **ROSAE**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012b. p. 323-336.

SOLEDADE, Juliana; ALMEIDA, Aurelina Ariadne. Sinonímia no português arcaico: quando morfemas criam opções lexicais. In: OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA, Hirão F.; SOLEDADE, Juliana (Org.). **Do português arcaico ao português brasileiro**: outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 43-62.

SOLEDADE, Juliana. **Semântica morfolexical**: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico. 2004. 2 v. 575 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SOLEDADE, Juliana. **Aspectos morfolexicais do português arcaico**: sufixação nos sécs. XIII e XIV. 2001. 2v. 400 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SWIGGERS, Pierre. Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística. In: CORRALES ZUMBADO, Cristóbal José et al. (Coord.). **Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística**: actas del IV Congreso Internacional de la SEHL. Madrid: Arco Libros, 2004. p. 113-146. [Vol. 1].

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Trad. de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

TURNER, Mark. **The literary mind**. New York: Oxford University Press, 1996.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. **Glossário do Cancioneiro da Ajuda**. Revista Lusitana, n. 23, p. 1-95, 1920.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. **Lições de filologia portuguesa**, seguidas das lições práticas de português arcaico. Lisboa: Dinalivro, 1911-1912.

VASCONCELOS, José Leite de. **Lições de filologia portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

VASCONCELOS, José Leite de. **Lições de philologia portuguesa**: dadas na Biblioteca Nacional de Lisboa. Lisboa: Livraria Clássica, 1911.

VEIGA, Albino de Bem (Ed.). **Virgeu de Consolaçon**: edição crítica de um texto arcaico inédito. Com introdução, gramática, notas e glossário. Salvador: Universidade da Bahia, 1959.

Para citar este artigo

LOPES, M. Breve panorama sobre os estudos do português arcaico no Brasil. **MACABÉA – REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI**, CRATO, V. 8., N. 2., 2019, p. 372-410.

410

O Autor

Mailson Lopes é Doutor em Linguística do Português pela Universidade de Coimbra e Doutor em Linguística Histórica (Língua e Cultura) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em regime de cotutela oficial (Bolsa PDSE / CAPES), com estudo histórico-comparativo sobre a prefixação no galego-português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI). Mestre em Linguística Histórica (Língua e Cultura) pela UFBA; Licenciado e Bacharel em Letras Vernáculas e Língua Estrangeira Moderna (Espanhol), por essa mesma universidade.